Fotos: Sheyla Leal

A Polícia Militar mandou 40 homens para dar segurança à operação de derrubada dos barracos, número considerado insuficiente pelos policiais. A população formou uma barreira humana para isolar a área

Lixão vive manhã de guerra

Moradores armados de paus e pedras enfrentam policiais para impedir a derrubada de barracos pelo Siv-Solo

SÉRGIO BARTHOLO

Tiros para o alto, fogo em pneus, trânsito impedido, gente ferida, crianças passando mal, mulheres chorando, correria e muita revolta. A invasão do Lixão foi transformada ontem pela manhã numa praça de guerra. Os moradores enfrentaram 40 policiais militares com paus e pedras, para impedir que os funcionários do Serviço Integrado de Vigilância do Solo (SIV-Solo) fizessem uma nova operação para derrubar barracos. Na quarta-feira, 171 barracos foram derrubados, por ordem do gabinete do governador Cristovam Buarque, que manteve a determinação para que a operação continuasse ontem.

O clima na invasão estava tenso desde a madrugada, quando policiais militares que faziam a vigilância na área apreenderam uma Kombi com material de construção e mobílias. O presidente da Associação dos Moradores da Estrutural, Joaquim Batista, e a mulher dele, Marlene Mendes, protestaram. Houve troca de acusações com os policiais. Os dois foram presos e levados à 3ª Delegacia de Polícia do Cruzeiro, de onde só saíram por volta das 3h00 com a interferência dos deputados distritais Luiz Estevão (PP), José Edmar (PSDB) e Tadeu Filippelli (PP).

Noite — A maioria dos moradores, em conseqüência da prisão do presidente da associação, passou a noite acordada. De manhã, por volta das 9h00, quando os soldados da Polícia Militar e os funcionários da Administração Regional do Guará chegaram, os moradores já estavam esperando, armados com pedaços de pau e pedras.

A ordem da associação era para que os moradores não deixassem derrubar nenhum barraco, nem mesmo os vazios. "Eles quebraram o acordo feito com a gente quando tentaram derrubar os barracos ontem à noite, inclusive com gente dentro", disse Marlene Mendes. Bem cedo, três ônibus "pagos pelos moradores", segundo ela, estacionaram na frente da sede da associação para levar "o pessoal para a Câmara Legislativa". Mas a confusão começou antes e os ônibus não foram usados.

Guerra — Às 10h50, os moradores ficaram frente a frente com o pelotão de policiais militares. Foram revólveres e cassetetes contra paus e pedras. Não houve acordo entre o coordenador do SIV-Solo, coronel Paulo César Alves dos Santos, e Marlene Mendes. O pelotão recuou diante da chuva de paus e pedras. Alguns soldados sacaram as armas e atiraram para cima. Aparentemente, no primeiro momento, ninguém havia sido ferido. Minutos depois, a dona-de-casa Geralda Ambrósio da Silva, de 51 anos, aparece no meio da multidão, sangrando muito com um ferimento na cabeça. O único carro disponível e mais próximo era o da reportagem do **Jornal de Brasília**. Ela foi levada para o Hospital do Guará e contou que havia sido atingida por uma pedra.

Em seguida, a multidão correu para a Via Estrutural, que foi interditada, com pneus e pedaços de madeira incendiados, por quase duas horas. A Polícia Rodoviária do Distrito Federal agiu rápido e conseguiu desviar o trânsito para outras áreas da cidade, evitando um engarrafamento maior. No momento em que iniciava a ocupação da Via Estrutural, uma Kombi, placa AX-6883, chegou ao local, com mais pneus. A situação só foi contornada após o meio-dia, depois da chegada de um grupo de deputados distritais. A vice-governadora Arlete Sampaio determinou a suspensão da derrubada dos barracos.